

Palmira Fontes da Costa, Adelino Cardoso, eds. Percursos na história do livro médico (1450-1800). Lisboa: Edições Colibri; 2011, 258 p. ISBN: 978-989-689-095-7, € 15.

A história do livro e da leitura tem contribuído para mostrar que os discursos só ganham sentido quando se «tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro» (Chartier, Roger. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Editora UnB, 1998, p. 8). Nesta perspectiva, a leitura é concebida como um ato concreto que depende dos suportes materiais que enunciam diferentes formas de comunicação com os leitores. O livro organizado por Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso é uma demonstração dos resultados possíveis de serem colhidos da confluência entre a história do livro e da medicina. O volume é resultado de um projeto de investigação, «Filosofia, Medicina e Sociedade» e de um colóquio internacional realizado na Biblioteca Nacional de Portugal, organizado em 2010. Ao longo de treze capítulos, especialistas de áreas distintas do conhecimento analisam várias dimensões dos tratados de medicina publicados entre 1450 e 1800, tais como as teorias da medicina, as representações anatômicas, a linguagem, a circulação e audiência das obras.

O primeiro capítulo, «Os livros e a Ordem do saber médico: perspectiva historiográfica», conforme enuncia, faz uma análise crítica da historiografia sobre o assunto, onde Palmira Fontes da Costa apresenta ao leitor questões teóricas e metodológicas relativas ao estudo do livro médico. Para a autora, as características materiais, culturais e sociais são elementos imprescindíveis para a compreensão do livro médico. Ela chama atenção para a importância de estudos acerca de suas recepções, dos gêneros literários, do papel das imagens e suas interpretações, bem como a influência dos textos de medicina nas práticas efetivas de seus leitores. Fontes da Costa comenta ainda sobre a especificidade do estudo do livro médico em Portugal, caracterizado não só pela defasagem da história da medicina em relação à historiografia internacional, mas também pelas questões históricas relativas ao saber médico naquele contexto. Neste sentido, observa que um dos elementos a ser considerado é a influência da censura na produção e circulação das obras, no campo de um vasto território a ser explorado.

Os capítulos seguintes trazem distintas contribuições ao tema. Sem obedecer à ordem em que foram organizados, esses podem ser divididos por determinadas abordagens. Alguns autores analisam elementos relativos às edições, apropriações e debates científicos presentes nos impressos. Vivian Nutton toma como ponto de partida a análise de duas livrarias italianas com perfis distin-

tos, para mostrar o impacto da imprensa na divulgação do saber médico e nas transformações que ocasionou à erudição. As novas formas de impresso, como a proliferação dos jornais médicos e científicos a partir do século XVII, permitiram, por exemplo, o acesso de informações a um público mais amplo e formado de não especialistas. Os impressos possibilitaram também a emergência de um espaço público de discussão sobre o papel da medicina. Neste sentido, Bruno Barreiros destaca os jornais e panfletos dedicados à arte de curar em Portugal. O seu estudo tem como objeto as críticas do presbítero secular Bento Morganti, cujos escritos satíricos enfatizavam as incertezas epistemológicas da medicina, tema em voga no século XVIII. Revisitando a obra de Garcia da Orta, Tereza Nobre de Carvalho, por sua vez, procura compreender a recepção dos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* por João Fragoso e Cristóvão da Costa. As referências desses médicos à obra de Garcia da Orta indicam a recepção do texto médico-botânico entre seus colegas de profissão. A relevância desses compêndios de matéria médica estava ligada também às necessidades da empresa ultramarina, pelas informações que possibilitavam sobre as drogas e especiarias dos territórios coloniais. Inês de Ornellas e Castro analisa as tradições do conhecimento que fundamentavam as prescrições médicas sobre «higiene alimentar» nas obras portuguesas dos séculos XVI e XVII, as quais são reveladoras das diferentes formas que as concepções galênicas e hipocráticas foram apropriadas. No caso específico, o latim se manteve como língua principal até o século XVIII, quando a língua vernácula passou a ser utilizada, visando uma divulgação maior das obras. Carreras Panchón, por sua vez, discute as teorias que atribuíam as enfermidades às causas físicas e ambientais (teoria dos «miasmas») e sua difusão em Espanha e Portugal no contexto da Ilustração. O autor mostra como os fundamentos científicos da medicina das Luzes contribuíram para a constituição de uma medicina pública e de práticas sanitárias que visavam diminuir a mortalidade da população.

Outra questão relativa ao livro médico é o sentido adquirido pelas representações visuais, tema de dois capítulos. Um deles, de autoria de Hervé Baudry, trata da iconografia do corpo feminino como um dos ramos da ilustração anatômica da época moderna. Busca mostrar de que maneira a «cultura visual» contribuiu para a discriminação biológica dos sexos. Em outro capítulo, Rina Knoeff examina, a partir das controvérsias entre dois anatomistas, os significados morais e religiosos atribuídos às representações anatômicas e os fatores individuais e comerciais envolvidos na produção dos livros de anatomia.

Outro conjunto de textos analisa as concepções do saber médico enfocando casos individuais. O estudo de Guido Giblioni sobre a obra do médico português Rodrigo de Castro, o qual, após viver em Portugal, se estabeleceu

em Hamburgo, se debruça sobre as implicações éticas, políticas e religiosas atribuídas ao saber médico na renascença, presentes no tratado *Medicus-politicus, sive the officis medico-politics*. De forma semelhante, Rui Bertrand Romão mostra como o campo da medicina e da filosofia moral convergem no tratado de Juan Huarte de San Juan, *Examen de Ingenios para las Ciencias*. Entretanto, diferente da obra de Rodrigo de Castro, o compêndio de Juan Huarte possuía características de edição e linguagem que o tornava acessível a um maior número de leitores, incluindo os cultos e letrados.

Já os textos dedicados a Herman Boerhaave, de Adelino Cardoso; e a Jacob de Castro Sarmiento, de Hélio Pinto, discutem os fundamentos científicos nas obras desses médicos. Os dois capítulos podem ser aproximados, na medida em que Sarmiento é considerado um dos primeiros médicos portugueses influenciados por Boerhaave. Além disso, eram textos destinados a aprendizes e médicos. Outro capítulo sobre uma trajetória específica é o de Manuel Silvério Marques e António Braz de Oliveira, o qual aborda o livro *Ensaio Sobre Algumas Enfermidades de Angola*, e seu autor, José Pinto de Azeredo. Os autores destacam a ampla formação e erudição do médico nascido no Brasil e com passagem por universidades européias. A partir da leitura do tratado e análise de sua biblioteca, os autores demonstram de que maneira o empirismo e as teorias médicas se articulam na obra de Azeredo.

Esse conjunto de textos evidencia, portanto, as diversas abordagens proporcionadas pelo livro médico enquanto objeto de investigação e apontam para as relações possíveis de serem estabelecidas entre a história do livro e da medicina. Dentre elas, uma perspectiva que se mostra promissora é o estudo do papel dos impressos na divulgação do conhecimento médico, fenômeno que assumiu dimensões específicas em cada país (Roy Porter, ed. *The popularization of Medicine, 1650-1850*. London and New York: Routledge; 1992). No contexto ibérico, Enrique Perdiguero, Mónica Bolufer, dentre outros autores, demonstram a relevância desses compêndios e as questões que os cercam. Outra possibilidade aberta aos pesquisadores é a discussão em torno da recepção e apropriação dos textos, incluindo o exame das leituras realizadas pelos próprios médicos. Esses são alguns dos caminhos instigantes oferecidos para os estudiosos da medicina a partir de seu principal suporte material, o livro. Sem a intenção de esgotar os temas contemplados em *Percursos do livro médico*, sua leitura coloca o pesquisador da história da medicina e da saúde em contato com um domínio relevante para a história da medicina e do livro. ■

Jean Luiz Neves Abreu

Universidade Federal de Uberlândia